

GRUNA DO ENFURNADO

NOVAS POSSIBILIDADES NO NÍVEL SUPERIOR

EZIO RUBBIOLI

GRUPO BAMBUÍ DE PESQUISAS ESPELWOLÓGICAS

Julho de 2002
 - Um sifão!!! Maldito sifão!
 A galeria estava totalmente tomada por uma lago coberto de troncos, galhos e folhas. Um sinal típico de que existia alguma obstrução da drenagem. Do outro lado uma "praia" de barro ainda deixava alguma esperança de continuação em um nível superior. Mas o teto mergulhava bruscamente formando uma parede sólida que não permitia uma segunda opinião: era o fim, pelo menos da parte aérea (que se apresentem os espeleomergulhadores). Depois de um ano alimentando a esperança de explorar quilômetros de galerias e descobrir o destino das águas da *Gruna do Enfurnado*, o desfecho não poderia ter sido mais cruel:

- ... um maldito sifão!

No final da Expedição Bahia 2001, ninguém falava em outra coisa a não ser "a galeria de 25 metros que continuava..." Uma única equipe havia topografado mais de 3 km só parando por falta de tempo. Mas, como era o último dia da expedição, o *Enfurnado* teria que esperar para revelar os seus segredos. Mas antes, vamos voltar um pouco no tempo, tentando resgatar toda a história da exploração desta fantástica cavidade.

A *Gruna do Enfurnado* foi descoberta pelo Augusto numa rápida viagem a Serra do Ramalho, em julho de 1995. Na ocasião ele explorou, a partir do sumidouro de uma grande drenagem, cerca de 1,8 km de galerias amplas e com várias ramificações, parando somente em um conduto baixo e alagado. Aparentemente um sifão. Alguns anos depois, Joël Rodet descobriu várias grutas no cânion do *Morro Furado* - MF, situado ao norte do sumidouro do *Enfurnado* e que poderia ter alguma relação com o sistema. No meio disso tudo ainda existia a *Gruna do Anjo* (descoberta em 1992 e descrita no artigo desta edição) e várias outras cavidades secas. Um quebra-cabeças que começava a se formar, mas já dava pistas da existência de grandes cavidades.

Em junho de 2001, a expedição franco-brasileira dedicou alguns dias de atividade no setor norte da Serra do Ramalho, principalmente no *Enfurnado* e na *Mamona*. Mas, foi somente depois da expedição de setembro do mesmo ano, quando topografamos várias grutas da região, que começamos a entender melhor o sistema e a relação entre as suas cavidades. Duas possibilidades pareciam ser mais plausíveis. A primeira (e mais otimista) apostava na idéia de que a drenagem do MF era um afluente do *Enfurnado* sendo a *Gruna da*

Mamona a ressurgência de todo o sistema. A outra possibilidade era a existência de dois sistemas independentes. O primeiro começava no *Boqueirão do Riacho de Fora*, passava pelo *Anjo*, *Sumidouro do Morro Furado* e teria a *Mamona* como ressurgência. Nesta hipótese o *Enfurnado* formaria um sistema independente sendo ainda incógnita a sua ressurgência. Apesar das duas teorias serem opostas, ambas consideravam uma premissa: o *Enfurnado* deveria ser uma gruta grande. Muito grande...

E foi com esta expectativa que um pequeno grupo (Augusto Auler, Luciana Alt, Vitor Moura, Luiz Coelho Brinco, Leonardo Rocha, Marck Maio eu) encheu as mochilas com muitos quilos de carbureto e entusiasmo e encarou a viagem de 900 km de Belo Horizonte a Descoberto - Coribe/BA (soma-se 600 km na viagem do Luiz que veio de São Paulo).

* Logo no primeiro dia o destino não poderia ser outro: o *Enfurnado*. E como ninguém queria ficar fora, o jeito seria montar uma equipe com 7 pessoas. Funções para tanta gente é que não faltavam. Decidimos usar duas trenas; uma para medir a distância entre as bases e outra para as laterais. Isto já ocuparia pelo menos três. Um croquista, um anotador e um instrumentista completariam a equipe.

- Epâ! Tô sobrando.

Tudo bem, podemos dar um jeito nisto... Acabávamos de criar a função de palpiteiro da topografia. Suas tarefas iam desde ajudar a posicionar as bases, verificar uma galeria lateral, até contar piadas para entreter o resto dos colegas.

O Enfurnado tem “pose” de caverna grande desde a entrada. Um amplo abrigo captura impiedosamente a drenagem que despenca por uma série de cascatas até atingir o leito do rio. Junto à entrada, uma seqüência de travertinos e escorrimentos merece alguma atenção, mas não chega a ser um grande problema para se atingir o leito do conduto principal. A partir deste ponto, a galeria segue praticamente plana e ampla tendo como único obstáculo o barro escorregadio que cobre o piso em alguns trechos. A passagem principal é facilmente identificada pelas marcas da água que invade periodicamente, e com violência a caverna. Troncos de até 10 metros de comprimento podem ser encontrados a vários metros acima do leito do rio. Felizmente isso só

acontece na época das chuvas, de novembro a janeiro. Na seca a drenagem se resume a um pequeno fiozinho de água que ora corre com dificuldade em meio aos grandes seixos, sumindo e reaparecendo periodicamente. O primeiro quilômetro é marcado pela existência de grandes salões laterais e um nível superior que leva a uma saída secundária. Depois, o teto do conduto baixa bruscamente chegando a ficar a menos de um metro acima do nível da água – na realidade um lago estagnado com muita matéria orgânica. Felizmente o lodo pegajoso que se depositou no fundo turva a água facilmente, não permitindo que os que vêm atrás vejam os morcegos mortos boiando. Mas esta “refrescante” passagem não dura mais que 600 metros. Depois de um salão com teto em forma de cúpula a galeria se divide. À direita segue-se a drenagem principal, que encontra um sifão 200 metros à frente. Do outro lado, uma galeria seca leva ao trecho mais impressionante da gruta: a Galeria da Bela Amazona (não me pergunte o porque deste nome, mas isso é coisa dos

franceses). O conduto chega a 60 metros de largura e o teto se eleva a dezenas de metros de altura. Realmente impressionante... Novamente a galeria volta a se estreitar (só 18 metros) e o rio ressurge, vindo de uma galeria lateral. Estávamos no ponto final da topografia de 2001.

A galeria plana não impunha dificuldade ao avanço do “batalhão” de topografia. Nem mesmo as piadas do palpiteiro conseguiam desviar a atenção da equipe. As visadas se sucediam num ritmo acelerado sendo limitadas somente pelo tamanho da trena. Os números enchiam a planilha de anotação e...

- Um maldito sifão!!!

E bla, bla, bla; bla, bla, bla; bla, bla, bla... O resto da história você já sabe.

Os 700 metros de topografia não foram suficientes para satisfazer o nosso desejo de exploração. O jeito seria fazer meia volta e buscar alguma passagem lateral que “ocupasse” o resto do nosso dia. Com sorte ainda poderíamos sair da gruta com o mapeamento concluído.

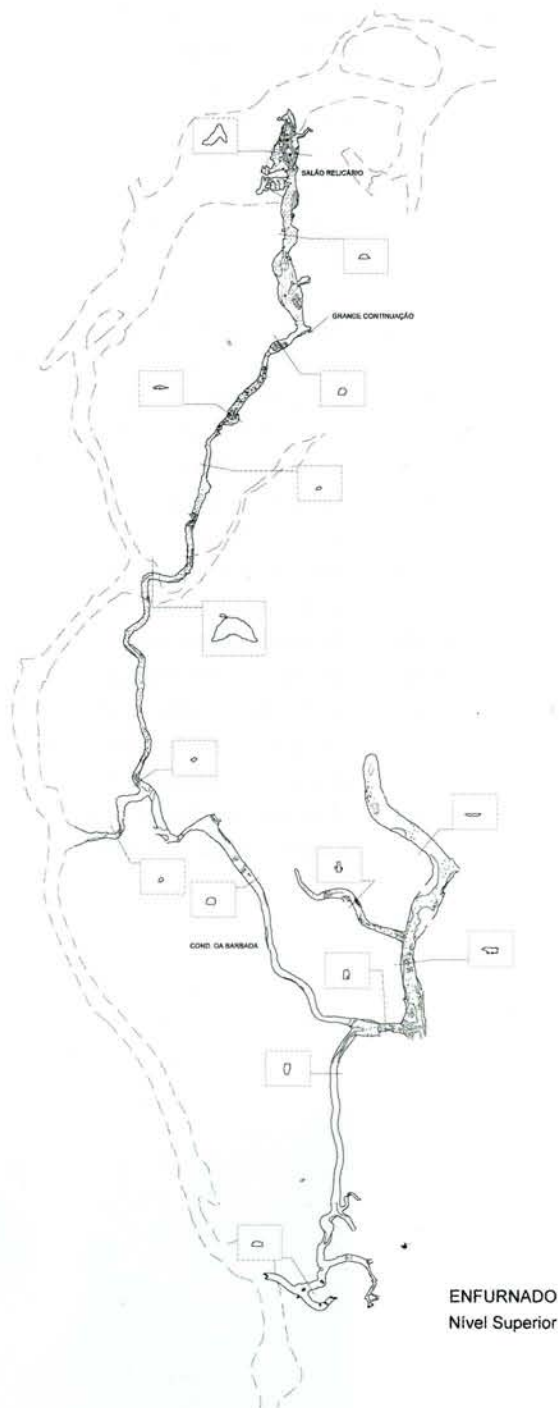


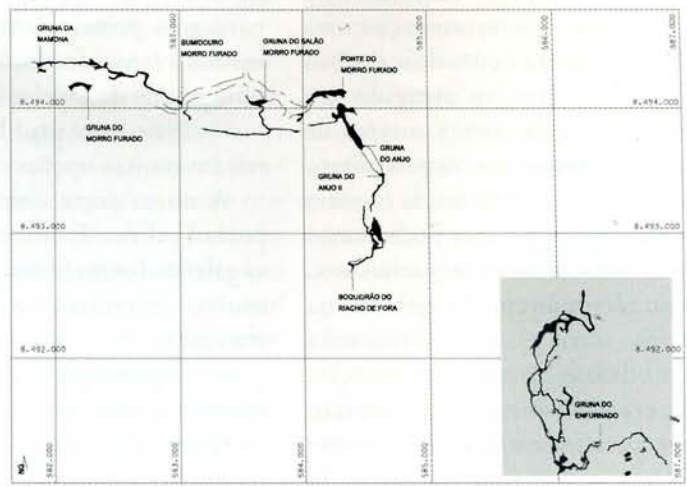
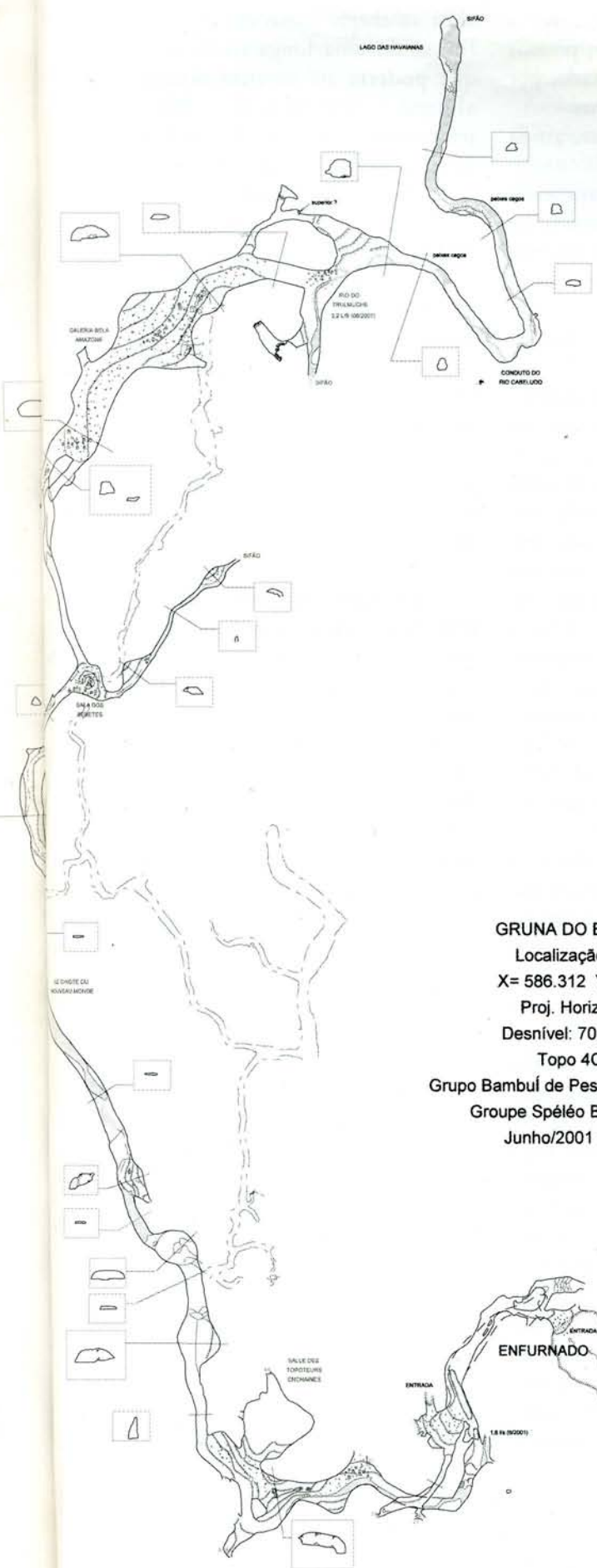
Equipe rumo ao Enfurnado. Bólas e macacão de nylon em plena caatinga. Foto: Ezio Rubbioli

Voltamos topografando algumas galerias pequenas que não acrescentavam muito no desenvolvimento da caverna. Mas, poucos metros antes do teto baixo, um conduto superior à esquerda mudaria a história daquele dia. Uma ramificação logo nos primeiros metros permitiu que nos dividíssemos em duas equipes. Augusto, Marck e eu seguimos para a direita, teoricamente na direção da saída, enquanto a outra equipe seguia numa ampla galeria (3 x 3 metros) na direção oposta, apostando que tinham escolhido a melhor opção. Mas a nossa equipe estava com sorte. Não foi preciso mais que uma dúzia de visadas para nos vermos em uma ampla galeria meandrante e com algumas passagens laterais. Na tão grande para ser digna de destaque numa gruta baiana, mas o suficiente para mostrar que dificilmente terminaríamos a topografia naquela jornada. Um pouco mais adiante o conduto fez uma curva acentuada para a esquerda, um degrau abrupto e...

- Que condutaço!!!

Até parecia que estávamos nas galerias superiores do Boqueirão. Seguimos entusiasmados num conduto com 7 metros de largura e 5 de altura. Sua forma e dimensões mantinham-se rigorosamente uniforme e formavam um traçado com curvas suaves. Deixamos uma grande passagem lateral à esquerda e seguimos serpenteando o interior do maciço, sempre procurando evitar os condutos menores. Seguimos mais de 500 metros sem encontrar nenhum obstáculo. A direção preferencial sul indicava que estávamos paralelo com o conduto do rio, embora em um nível superior. Como o nosso tempo estava contado, voltamos deixando várias passagens inexploradas.





SISTEMA DO MORRO FURADO
CORIBE - BAHIA

GRUNA DO ENFURNADO

Localização UTM 23L
X= 586.312 Y= 8.491.286
Proj. Horiz.: 5.840 m
Desnível: 70 (-48, +22) m
Topo 4C BCRA
Grupo Bambul de Pesquisas Espeleológicas
Groupe Spéléo Bagnols Marcoule
Junho/2001 - Julho/2002

GRUNA DO DESENFURNADO

Localização UTM 23L
X= 586.389 Y= 8.491.247
Proj. Horiz.: 780 m
Desnível: 8 m
Topo 4C BCRA
Grupo Bambul de Pesquisas Espeleológicas
Groupe Spéléo Bagnols Marcoule
Junho/2001



A outra equipe também teve sorte. Depois de um começo numa galeria modesta e com dois trechos baixos, eles haviam atingido um conduto amplo com 5 metros de altura e largura que seguia direto para norte. Na volta ainda fizeram uma descoberta – que poderíamos dizer – no mínimo emocionante. Uma reentrância da galeria na altura do piso indicava a possibilidade de uma continuação. Mas era preciso entrar em um teto baixo para ter certeza. E foi o que fizeram a Lu e o Leandro. Já rastejando, a luz do Leandro apagou. Enquanto a Lu se aproximava para ajudá-lo percebeu que ele estava à beira do “vazio”, sentado sobre um piso inclinado e cheio de barro. O perigo pareceu tão próximo que os dois trataram de sair rapidamente do local sem ao menos ver aonde levava o abismo. Seria a galeria principal?

Saímos da gruta por volta das 10 hora da noite sujos e molhados, mas com a certeza de que ainda teríamos muito trabalho pela frente no *Enfurnado*.

Dois dias depois voltamos ao *Enfurnado*. A idéia era continuar a topo nas galerias superiores. Mas antes resolvemos checar o abismo que a Lu e o Leandro haviam encontrado. Augusto seguiu na galeria do rio para verificar se havia uma ligação entre os dois níveis enquanto o resto da equipe subiu para a rede superior. E não deu outra... Saímos no teto do salão, a mais de 20 metros de altura, onde o rio se divide. Aquele com o teto abobadado do começo do artigo, lembra-se? Incrível é que quando se passa em baixo fica impossível perceber qualquer sinal da galeria superior. Uma vez satisfeita a curiosidade de todos, dividimos as equipes e cada uma tomou o seu destino.

Havíamos parado em uma galeria larga e com várias ramificações menores. Seguimos

para sul, no que parecia ser a passagem principal. Mas, poucos metros à frente fomos barrados por uma parede de espeleotemas.

- Não tem problema, ainda restam muitas opções.

A nossa sorte começava a ser posta à prova... E uma a uma, todas as galerias foram fechando, ou eram muito estreitas ou estavam entupidas.

- Espero que a outra equipe esteja com mais sorte...

Depois de uma série de galerias retilíneas e amplas, sempre na direção norte - nordeste, a “outra equipe” havia chegado num salão grande e bem ornamentado. De imediato eles perceberam que poderiam estar novamente em cima da galeria principal, na região da Galeria da Bela Amazona. Mas o salão não passava disso... Todas as continuações eram pequenas e obstruídas por espeleotemas. Mesmo assim a complexidade do local exigiu uma topografia detalhada, consumindo rapidamente as horas úteis que restavam.

Enquanto isso, havíamos voltado duzentos metros buscando a última ramificação inexplorada. Uma grande passagem se abria para leste enquanto a galeria principal fazia uma curva acentuada na direção oposta. Mas o que chamava a atenção era a marca do meandro estampada no teto da galeria.. Tudo indicava que ela vinha da galeria desconhecida. E não deu outra: logo nas primeiras visadas nos vimos no meio de um grande conduto. Suas dimensões estavam parcialmente camufladas por uma pilha de blocos abatidos, mas seguramente sua largura superava uma dezena de metros. E o melhor: a passagem continuava nas duas direções. Seguimos para norte num ritmo acelerado. Já era o final da tarde e deveríamos encontrar com a outra equipe às 8 horas. A galeria mantinha a forma original traçando um meandro com curvas suaves. O teto era bem plano e se perdia de

vista ao chegar junto das paredes, formando uma longa reentrância que poderia até mesmo ocultar alguma continuação. Mas, progressivamente o teto do conduto foi abaixando, abaixando e...

- Fechô! Está entupido.

Apesar de decepcionados com o desfecho do dia, deixamos a caverna com um sentimento de que havia bons motivos para retornar. A grande galeria que descobrimos no final do dia continuava para o sul, tão grande quanto o lado que exploramos. Embora esteja seguindo na direção de outras passagens conhecidas, nunca se sabe o que pode acontecer nessas cavernas da Serra do Ramalho.

Em tempo... A “outra equipe” terminou a topografia do salão e ainda descobriu, no caminho de volta, uma galeria “escondida” atrás de uma passagem estreita. Segundo eles, a continuação é grande. Pelo menos esta foi a desculpa apresentada para justificar o atraso de quase uma hora além do horário marcado para chegar ao ponto de encontro. **Q**

La Gruna do Enfurnado
De nouvelles possibilités au
niveau supérieur

Ezio Rubbioli
Grupo Bambuí de
Pesquisas Espeleológicas

Juillet 2002

-Un siphon!!! Maudit siphon!

La galerie était entièrement envahie par une étendue d'eau couverte de troncs, de branches et de feuilles: un signe évident qu'il devait exister une quelconque obstruction du drainage. De l'autre côté, une "plage" de terre glaise offrait peut-être une possibilité de suite au niveau supérieur. Le plafond plongeait cependant brusquement en formant une paroi solide qui ne permettait plus de se faire d'illusions: c'était la fin, dans la partie aérienne tout au moins (que viennent les spéléos plongeurs!). Une année passée à alimenter l'espoir d'un épilogue plus heureux, à explorer des kilomètres de conduits pour s'apercevoir finalement que les eaux de la Gruna do Enfurnado ne s'écoulaient plus, le dénouement n'aurait pas pu être plus cruel:

-...un maudit siphon !

A la fin de l'expédition Bahia 2001, personne ne parlait d'autre chose que de "la galerie de 25 mètres qui continuait..." Une seule et unique équipe avait topographié plus de 3 km et n'avait mis fin à son travail que par faute de temps. Et comme en plus c'était le dernier jour de l'équipée, l'Enfurnado devait attendre avant de révéler ses secrets.

Mais avant de le retrouver, je vous convie à un court voyage rétrospectif afin de vous faire revivre tous les faits les plus marquants de l'exploration de cette fantastique cavité.

La Gruna do Enfurnado fut découverte par Augusto lors d'un rapide séjour dans la Serra do Ramalho en 1995. A cette occasion, il explora près de 1,8 km de vastes galeries aux ramifications nombreuses en partant de la perte d'un important drainage. Il ne cessa ses activités qu'en débouchant dans un conduit bas et inondé, selon toute

vraisemblance, un siphon. Quelques années plus tard, Joël Rodet découvrit plusieurs grottes dans le canyon du Morro Furado-MF situé au nord de la perte de l'Enfurnado et qui pouvaient posséder des connections avec le système. Pour compléter le tableau, il faut encore citer la présence en ces lieux de la Gruna dos Anjos (découverte en 1992 et décrite dans un article de la présente édition), ainsi que de nombreuses autres cavités sèches. Tout ceci formait un véritable puzzle qui commençait à prendre forme, mais qui déjà laissait présager l'existence de grandes cavités.

En juin 2001, l'expédition franco-brésilienne concentra pendant quelques jours ses activités dans le secteur nord de la Serra do Ramalho, et plus précisément dans l'Enfurnado et la Mamona. Toutefois, ce ne fut qu'après l'expédition du mois de septembre de la même année, grâce à la topo effectuée dans plusieurs grottes de la région, que l'on commença à mieux comprendre le système et le rapport existant entre les deux cavités. Deux possibilités s'avéraient alors les plus plausibles. La première (la plus optimiste) pariait sur l'idée que le drainage du MF était un affluent de l'Enfurnado, alors que la Gruna da Mamona constituait la résurgence de tout le système. L'autre éventualité considérait l'existence de deux systèmes indépendants: le premier débiterait dans le Boqueirão do Riacho de Fora, passerait par la Gruna dos Anjos, continuerait par la perte du Morro Furado et aurait la Mamona pour résurgence. Si cette hypothèse s'avérait la bonne, l'Enfurnado formerait un système indépendant dont la perte resterait encore à découvrir. Bien que les deux théories semblassent opposées, toutes deux indiquaient une chose: l'Enfurnado devait être une grande grotte, très grande grotte...

Et c'est dans cette perspective qu'un petit groupe (Augusto, Auler, Luciana Alt, Vitor Moura, Luiz Coelho Brinco, Leonardo Rocha, Marck Maio et moi-même) fit le plein de carburant avant d'entreprendre un périple de 900 km au départ de Belo Horizonte, destination Coribe/BA, alors que Luiz qui venait de São Paulo dut parcourir 600 km en plus.

Aussitôt arrivés, notre toute première destination ne pouvait être autre que l'Enfurnado. Et comme personne ne voulait rater l'occasion, la seule solution consista à former une équipe de 7 personnes. Et même pour autant de monde, le labeur ne manquerait pas. Il fut décidé de se servir de deux décimètres, l'un pour prendre les mesures entre les points topos, et l'autre pour les conduits latéraux. Cette tâche devait occuper au moins trois personnes. Trois autres, au croquis, au carnet et au compas complèteraient le groupe.

- Et alors, et moi dans tout ça ?

Pas de problèmes ! On peut toujours s'arranger... Pour la circonstance, nous venions de créer la fonction d'accompagnateur de la topo. La tâche de celui-ci consisterait à aider les autres à positionner correctement les points topo, à vérifier une galerie latérale, et même à faire des blagues pour donner du cœur à l'ouvrage au reste du groupe.

Dès l'entrée, l'Enfurnado a "un air" de caverne imposante. Un vaste abri capture inexorablement le drainage qui dévale le terrain en formant une série de cascades avant de finir sa course dans le lit du rio. Près de l'entrée, une série de gours et d'écoulements méritent une attention particulière, sans pour autant représenter un obstacle pour accéder au lit du conduit principal. A partir de là, la galerie continue presque plane, large, et ne présente comme seule difficulté que la boue glissante qui en recouvre le sol par endroits. Le passage principal est facilement identifiable à cause des marques laissées périodiquement par les eaux tumultueuses, au moment des crues. Des troncs, atteignant parfois une longueur de dix mètres, peuvent être vus à plusieurs mètres au-dessus du lit de la rivière. Heureusement que ce phénomène ne se produit qu'à la saison des pluies, de novembre à janvier. Quand il est à sec, le drainage se résume à un mince filet d'eau qui s'écoule parfois avec difficulté au milieu de gros cailloux, et disparaît et réapparaît périodiquement. Le kilomètre initial se caractérise par la présence de grandes salles latérales et un niveau supérieur qui mène à une sortie secondaire. Ensuite, le plafond du conduit

s'abaisse brusquement jusqu'à ne laisser qu'un mètre au-dessus du niveau des eaux. Celles-ci ne constituant en réalité qu'un étang d'eau stagnante remplie de matières organiques. La vase collante déposée au fond, et qui troublait l'eau à chacun de nos pas empêchait heureusement que ceux qui suivaient ne voient les chauves-souris mortes qui flottaient ici et là. Ce "afrâchissant" passage ne se prolonge toutefois que sur 600 mètres. Après une salle au plafond en coupole, la galerie se divise. Le drainage principal poursuit sa course sur la droite et se termine par un siphon 200 mètres plus loin. Du côté opposé, une galerie sèche rejoint un des tronçons les plus impressionnants de la cavité: la galerie de la Bela Amazona. Ne me demandez pas pourquoi elle porte ce nom, seuls les Français le savent. Le conduit atteint maintenant les 60 mètres de large alors que le plafond s'élève à une dizaine de mètres du sol. Le spectacle est vraiment impressionnant... Puis, la galerie se rétrécit à nouveau (elle ne compte plus que 18 mètres) et la rivière resurgit en venant d'une galerie latérale. Là se trouve le point ultime de la topo de 2001.

La galerie plane n'offrait aucune difficulté à l'avancée du "bataillon" de topographes. Même les plaisanteries de "l'accompagnateur" ne parvenaient pas à déconcentrer ses collègues. Les visées se succédaient à un rythme endiablé et ne s'interrompaient brièvement qu'en raison de la longueur du décamètre. Les chiffres s'additionnaient en longues files sur le carnet jusqu'à ce que...

➤ Un maudit siphon !!!

Et bla bla bla, bla bla bla, bla bla bla.... La suite, vous la connaissez déjà.

Les 700 mètres de topo ne nous avaient nullement rassasiés. Il ne nous restait plus qu'à faire demi-tour à la recherche d'un passage latéral qui "occupât" le restant de la journée. Si la chance était de notre côté, nous pourrions quitter la grotte en ayant mené à bien l'ensemble de la cartographie.

Nous sommes repassés par quelques galeries en les topographiant, lesquelles, étant de moindre importance, n'ajoutaient que peu au développement

de la caverne. Soudain, à quelques mètres seulement du plafond bas, l'apparition d'un conduit supérieur, sur la droite, allait changer la physionomie de l'exploration du jour. Dès les premiers mètres, une ramification permit au groupe de se scinder en deux. Augusto, Marck et moi avons pris sur la droite le chemin qui, théoriquement, devait nous conduire vers la sortie, alors que l'autre partie du groupe s'était engagée du côté opposé, dans une vaste galerie (3 x 3 mètres), en étant sûrs d'avoir fait le bon choix. En fait, c'était notre équipe qui allait être la plus chanceuse. Pas plus d'une douzaine de visées nous suffirent pour nous retrouver dans une ample galerie méandreuse possédant quelques passages latéraux. Pas aussi grande pour égaler en mérite une grotte babiane, mais suffisamment tout de même pour que nous réalisions que la topo ne s'achèverait certainement pas ce jour-là. Un peu plus loin devant, le conduit dessinait une courbe sur la gauche. Nous avons dû franchir une marche abrupte et...

- Quel conduit !!!

Pour un peu, nous nous serions crû dans les galeries supérieures du Boqueirão. La progression se poursuivait dans l'enthousiasme général dans un conduit de 7 mètres de large pour 5 de haut. La forme et les dimensions de celui-ci demeuraient rigoureusement uniformes et dessinaient de légères courbes. Nous avons quitté un grand passage latéral sur la gauche et avons poursuivi en serpentant dans les entrailles du massif, tout en veillant à toujours éviter les conduits plus petits. Notre progression se poursuivait sans encombre sur 500 mètres. Notre cheminement en direction du sud indiquait que nous nous trouvions dans un conduit parallèle à celui du rio, mais à un niveau supérieur. Comme notre temps était compté, nous avons laissé plusieurs passages inexplorés.

L'autre équipe aussi put compter sur la chance. Après avoir entamé leur périple dans une galerie modeste comprenant deux passages bas, ils accédèrent à un vaste conduit dont le plafond s'élevait à 5 mètres, large de 5 mètres, et qui se déployait vers le nord. Sur le chemin du retour, ils firent une autre découverte

qu'on peut qualifier, au minimum, de remarquable. Un renforcement de la galerie au niveau du sol rendait possible l'existence d'une suite. Pour le vérifier, il était nécessaire de s'engager sous un plafond bas. Lu et Leonardo s'en chargèrent, mais pendant leur reptation, la lanterne de Leonardo s'éteignit. Quand Lu s'approcha de lui pour l'aider, il s'aperçut qu'il était au bord du "vide", assis sur un terrain incliné et plein de boue. Le danger leur parut si éminent qu'ils résolurent de s'éloigner au plus vite de cet endroit sans savoir où se trouvait vraiment l'abîme. D'ailleurs, ne s'agissait-il pas là de la galerie principale?

Nous nous sommes extraits de la grotte vers les 10 heures du soir, sales et mouillés, mais en ayant la certitude que le travail restant à accomplir dans l'Enfurnado restait important.

Le surlendemain, nous étions de retour dans l'Enfurnado. Nous avions l'intention de poursuivre la topo dans les galeries supérieures, mais auparavant nous voulions voir de plus près le gouffre que Lu et Leonardo avaient découvert. Augusto était allé vérifier dans la galerie du rio si une jonction existait entre les deux niveaux alors que les autres membres de l'équipe montèrent jusqu'au niveau supérieur. Et ce qui devait arriver arriva... Nous avons débouché sur le plafond de la salle, surplombant de 20 mètres l'endroit où la rivière se divise. La salle dont il a été question au début de cet article, celle dont le plafond a la forme d'une coupole, vous vous en souvenez? Ce qu'il y a de plus étonnant, c'est que vu d'en bas, il est impossible de distinguer le moindre indice révélant la présence de la galerie supérieure. Une fois la curiosité de chacun satisfaite, les équipes se formèrent et s'en allèrent vers leur destin.

Nous avons interrompu notre progression dans une galerie large aux multiples ramifications mineures. Nous avons pris la direction du sud, en suivant une galerie qui semblait être le passage principal, mais après quelque mètres seulement, un mur de concrétions nous empêcha de continuer.

- Qu'à cela ne tienne, il nous reste encore de nombreuses options.

La chance semblait nous abandonner... Une à une, toutes les galeries se fermèrent quand elles n'étaient pas tout simplement trop étroites ou obstruées.

- J'espère que l'autre équipe aura plus de chance...

Après une succession de galeries rectilignes et larges, et se dirigeant toujours direction nord, nord-est, "l'autre équipe" avait fini par rejoindre une grande salle bien ornementée. Ils se rendirent compte tout de suite qu'ils pouvaient bien, une fois encore, se retrouver au-dessus de la galerie principale, dans la région de la Bela Amazona. Leurs espoirs furent cependant déçus... Toutes les suites se révélèrent courtes et obstruées par des concrétions. Toutefois, la complexité des lieux exigèrent une topographie détaillée, ce qui acheva de consumer les heures utiles qui leur restaient.

Pendant ce temps-là, nous, nous avions rebroussé chemin sur 200 mètres à la recherche de la dernière ramification

non explorée. Un grand passage se laissait entrevoir vers l'est alors que la galerie principale faisait une grande courbe dans la direction opposée. Ce qui se dégageait de l'ensemble, c'était l'empreinte du méandre estampillé au plafond de la galerie. Tout semblait indiquer que cette dernière provenait de la galerie inconnue. Nous en eûmes bientôt la confirmation quand, au cours des premières visées, nous aperçûmes celle-ci au milieu d'un grand conduit. Ses véritables dimensions étaient difficiles à évaluer, la galerie étant en partie dissimulée par une pile de blocs effondrés. Elle dépassait pourtant certainement les dix mètres. Et en plus, le passage continuait en suivant deux directions distinctes. Nous avons opté pour la voie nord en accélérant le pas. C'était déjà la fin de l'après-midi et nous avions rendez-vous avec le reste du groupe à 20 heures. La galerie conservait sa forme initiale en serpentant en courbes légères. Le plafond était bien plat et se perdait de vue quand il rejoignait les parois, créant ainsi un long renfoncement qui

aurait pu tout aussi bien dissimuler une suite quelconque. Cependant, progressivement, le plafond s'abaissait, s'abaissait et...

- C'est bouché! Le passage est obstrué.

Malgré notre désappointement final, nous avons quitté la caverne sur une note d'optimisme en considérant que les raisons ne manquaient pas pour y retourner. La grande galerie que nous avions découverte en fin d'après-midi se prolongeait vers le sud en conservant ses proportions, aussi grandes que dans la partie que nous avions explorée. Et bien que celle-ci se dirige vers d'autres passages connus, on ne sait jamais ce qui peut se passer dans ces cavités de la Serra do Ramalho.

A temps... L' "autre" équipe" termina la topo de la salle et eut même le temps de découvrir une galerie "cachée" derrière un étroit passage, sur le chemin du retour. D'après eux, la suite est grande. Enfin, cette explication justifiait leur retard de près d'une heure. 

